

O SILÊNCIO E O CALAR SOBRE A DITADURA MILITAR PELO OLHAR DE BAKHTIN: A DIFERENÇA ENTRE O OUVIR E O ESCUTAR

Francis Lampoglia

(Mestranda em Ciência, Tecnologia e Sociedade, UFSCar)

francidusp@hotmail.com

Valdemir Miotello

(Prof. Dr. em Ciência, Tecnologia e Sociedade, UFSCar)

RESUMO: Este artigo discute as concepções de Mikhail Bakhtin sobre o silêncio e o calar no discurso, tendo como recorte os dizeres sobre a ditadura militar brasileira em três capas do jornal “Última Hora” publicadas em 1966, 1967 e 1968, nos aniversários de 2, 3 e 4 anos do golpe militar, respectivamente. Enquanto o silêncio e o ouvir relacionam-se ao ato mecânico, o calar relaciona-se à escuta ativa, aberta à polissemia e à ambiguidade. Com isso, visamos observar a importância do calar na compreensão dos sentidos e como condição para a resposta ativa do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: discurso, jornal, ditadura militar

INTRODUÇÃO

Silêncio e calar, ouvir e escutar não são termos sinônimos segundo os estudos bakhtinianos. O silêncio, condição física para enunciar, viabiliza o reconhecimento das palavras, enquanto o calar fornece condições para a compreensão dos sentidos. O ouvir

pertence à ordem mecânica de apreensão dos sons, enquanto a escuta demanda resposta. A partir disso, este trabalho discute tais conceitos nos dizeres de três capas do jornal “Última Hora”, publicadas em 1 de abril de 1966, 1967 e 1968, aniversário de dois, três e quatro anos, respectivamente, do golpe militar, tendo por enfoque o que se diz sobre o regime ditatorial que vigorava na época. Para tanto, faremos uma breve explanação sobre os trabalhos de Mikhail Bakhtin e o Círculo bakhtiniano, seguida pela discussão sobre o silêncio e o calar e finalizaremos o trabalho, sem a pretensão de esgotá-lo, com as considerações finais.

MIKHAIL BAKHTIN E O CÍRCULO: VOZES EM DISCURSO

Os trabalhos de Mikhail Mikhailóvitch Bakhtin (1895-1975) podem ser concebidos por fases, conforme a evolução vivida por esse pensador durante sua carreira. Com isso, a fase filosófica abrange o período entre 1918 e 1924 aproximadamente, época em que se forma o Círculo de Bakhtin (1918) em Nevel – tendo como membros, entre outros, Pumpiânski, Kagan, Volochinov e Iudina – e em que ocorre a mudança de Bakhtin e de alguns membros do Círculo para Vitebski (1920), onde se achegaram novos pensadores como Solertínski e Miedvedev. Nesta fase, Bakhtin, sob influência do neokantismo e da fenomenologia, tentou refletir sobre uma filosofia própria (CLARK, HOLQUIST, 1998). Entre 1921 e 1924, período em que sua saúde mais se debilitara, debruçou-se sobre as questões referentes à “natureza ética das ações na vida cotidiana e a natureza estética do autor como resposta do sujeito ao mundo” (MIOTELLO, 2002, p. 2).

Entre 1925 e 1929, época de intensa produção intelectual que culminou com a prisão de Bakhtin em 1929, devido ao expurgo de intelectuais da União Soviética – esse pensador começa a afastar-se da metafísica e entra em diálogo com movimentos intelectuais em voga, como o marxismo soviético, o freudismo, o formalismo, a linguística e até mesmo a fisiologia. Essa segunda fase é marcada pelas obras sobre o Freudismo, os Formalistas Russos, a Filosofia da Linguagem e o Romance de Dostoiévski, além de alguns artigos.

O terceiro período de Bakhtin envolve os anos de 1930, década marcada por seis anos de exílio vivido por Bakhtin em Kustanai, Cazaquistão. Nestes anos, Bakhtin “procurou uma poética histórica na evolução do romance” (CLARK; HOLQUIST, 1998, p. 31). Já na quarta fase, que abrange os anos de 1960 e 1970 – época que envolve a redescoberta de seus escritos e a deterioração da saúde física que o acompanha até a morte –, esse pensador retorna à metafísica sob uma nova perspectiva da teoria social e da filosofia da linguagem.

Por não se deter em apenas um assunto, Bakhtin abriu caminhos para várias pesquisas, sendo seus trabalhos procurados por pesquisadores de linhas diversas. Enquanto alguns críticos literários o reverenciam por ser autor do livro sobre Dostoiévski, em que apresentou a teoria da polifonia, outros críticos literários, como também folcloristas e antropólogos, concebem-no sob a perspectiva de seu livro sobre Rabelais, como o teórico da carnavalização e da ruptura das hierarquias sociais. Outro grupo de críticos de literatura, teóricos sociais e historiadores o percebem sob a ótica da doutrina marxista, sendo o texto referencial a obra *O marxismo e a filosofia da linguagem*, de 1929. Em relação aos intérpretes anglófonos, Bakhtin emerge como o teórico do romance em *The dialogic imagination (A imaginação dialógica)*. Embora

todas essas visões sejam legítimas, nenhuma consegue abarcar todas as categorias importantes ao seu pensamento. Entretanto, “pretender que alguma versão de sua pessoa seja a correta significaria estreitar numa camisa-de-força o filósofo da variedade, ‘monologizar’ o cantor da polifonia” (CLARK; HOLQUIST, 1998, p. 32).

A chegada dos primeiros trabalhos de Bakhtin em terras brasileiras efetuou-se com algumas dificuldades – assim como em outros países ocidentais – dados os problemas de tradução e publicação sem ordem cronológica. O pensamento do Círculo de Bakhtin foi associado com frequência e durante muito tempo, quase exclusivamente, ao livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, o primeiro a ser publicado em português em 1979 (FARACO, 2006, p. 17). Essa obra, inclusive, – juntamente com os livros *Freudismo* e *O método formal nos estudos literários*, dentre outros – é uma obra cuja autoria configura-se em um mistério. Segundo Faraco (2006), a polêmica teve início quando o linguísta Viatcheslav V. Ivanov afirmou que *Marxismo e filosofia da linguagem* fora escrito não por Valentin N. Voloshinov, mas por Bakhtin. Da mesma forma, a celeuma se estendeu aos outros textos sob assinatura de Voloshinov e de Pavel N. Medvedev. Para Clark e Holquist, “o resultado é que nenhum relato de como e por quem tais textos foram escritos pode jamais ser considerado como incontestável” (CLARK, HOLQUIST, 1998, p. 172). Diante do mistério da autoria, Faraco (2006) divide a recepção desses escritos em três direções, sendo a primeira daqueles que respeitam a autoria das edições originais, reconhecendo como obra de Bakhtin somente as obras publicadas em seu nome ou constante em seus arquivos, como é o caso de Faraco (2006). A segunda direção diz respeito àqueles que atribuem a autoria dos textos disputados à Bakhtin, como é o caso de Clark e Holquist (1998), dentre outros. Já a terceira vertente abarca os dois nomes na autoria, atribuindo a Bakhtin/Voloshinov os

livros *Freudismo e Marxismo e filosofia da linguagem*, assim como *O método formal nos estudos literários* a Bakhtin/Medvedev, caso das edições francesa e brasileira, em que aparecem as duas assinaturas. Este trabalho atribui a autoria majoritária dos textos disputados a Bakhtin, sem descartar a relação dialógica entre os membros do grupo que contribuíram para a construção dos textos.

Com isso, ao conhecer a trajetória do autor que norteia nosso trabalho, podemos ter acesso ao contexto em que Bakhtin pensou a questão do silêncio e do calar, época que marca seu retorno à metafísica sob uma nova perspectiva da teoria social e da filosofia da linguagem. As dificuldades encontradas quando da chegada das obras de Bakhtin no Brasil indica que pontos da teoria desse autor foram pouco explorados, ou trabalhados por poucos pesquisadores, como no caso das noções estudadas a seguir.

O SILÊNCIO E O CALAR SEGUNDO BAKHTIN

Bakhtin (2003), em “Apontamentos de 1970-1971”, discute as questões sobre o silêncio e o mutismo (ou o calar, segundo Ponzio, 2006). O silêncio refere-se às condições para percepção do som (BAKHTIN, 2003) e para a identificação do signo verbal (PONZIO, 2010). O silêncio é necessário para a identificação do som, para reconhecer as palavras e tem a ver com a língua e seu substrato físico, de ordem acústica e fisiológica (PONZIO, 2010).

O silêncio é a condição física para enunciar, possibilitando assim que as palavras sejam reconhecidas. Para dizer é necessário que não haja ruídos – intervenções de ordem mecânica e fisiológica – que possam comprometer a identificação das palavras. Com isso, o silêncio encontra-se na ordem da frase, relacionado a questões fonéticas e

sintáticas. Para Ponzio (2010, p. 53), o silêncio viabiliza “a percepção dos sons e dos traços distintivos da língua (os fonemas) e, portanto, o reconhecimento, a identificação dos elementos reiteráveis do discurso, ou seja, dos elementos que fazem parte da língua, a nível fonológico, sintático e semântico”. O silêncio em Bakhtin também pode ser interpretado como espaço do monologismo, da univocidade, em que os sentidos não ecoam – apenas as palavras, enquanto sons mecânicos se repetem. É a palavra direta, que não se importa com a alteridade.

A palavra direta, objetiva, não se preocupa da alteridade do interlocutor a não ser para adiantá-la, englobá-la, assimilá-la; esta palavra atende só a si mesma e por isso, como diz Kierkegaard, não constitui propriamente comunicação nenhuma, ou melhor, podemos dizer, é somente comunicação do silêncio. (PONZIO, 1995, p. 35-53 *apud* PONZIO, 2006, p. 474 – *tradução nossa*)¹.

Na tradução de “Apontamentos de 1970-1971” o termo utilizado como contraposição ao silêncio é o mutismo. Entretanto, Ponzio entende que o termo “calar” é mais apropriado que “mutismo”, já que o “calar não é só mutismo. O calar não está fora da linguagem, mas também é falar indireto, palavra distanciada, palavra irônica, paródia, alegoria: palavra da escrita literária” (PETRILLI; PONZIO, 2000 *apud* PONZIO, 2006, p. 473 – *tradução nossa*).² Com isso, neste trabalho adotaremos o “calar”, por ser mais abrangente que o termo “mutismo”.

¹La palabra directa, objetiva, no se preocupa de la alteridad del interlocutor si no es para adelantarla, englobarla, asimilarla; esta palabra atiende solo a si misma y por eso, como dice Kierkegaard, no constituye propiamente comunicación ninguna, o bien, podemos decir, es solo comunicación del silencio (cf. Ponzio, 1995, p. 35-53 *apud* PONZIO, 2006, p. 474). Tradução nossa.

²El callar no es solamente mutismo. El callar no ha salido del lenguaje, sino que es también hablar indirecto, palabra distanciada, palabra irônica, paródia, alegoria: palabra de La escritura literária (cf. PETRILLI; PONZIO, 2000 *apud* PONZIO, 2006, p. 473).

O calar é da ordem do enunciado e se refere à compreensão do sentido, não se reduzindo apenas à identificação das palavras. É o espaço da escuta aberta, da polissemia, da alteridade, do diálogo, em que ocorre o encontro de/nas palavras. O calar possibilita apreender a enunciação como evento irrepitível, demandando resposta. Com isso, o calar está vinculado à escuta ativa, configurando-se numa escuta-resposta. Diferentemente do ouvir, que se refere a um processo mecânico em que qualquer ser vivo está propenso ao ato, a escuta relaciona-se à compreensão do sentido da palavra, em que as palavras estão abertas à ambiguidade, sendo que tal exercício só é possível no mundo humano. Nas palavras de Ponzio, o calar “é condição da compreensão do sentido da enunciação única na sua repetibilidade e, portanto, a condição da resposta a essa, e que está nesta sua singularidade e irrepitibilidade” (PONZIO, 2010, p. 54).

Enquanto o silêncio está relacionado às condições físicas da comunicação, o calar relaciona-se aos aspectos não-físicos, como a ação de compreender os sentidos (em que a compreensão demanda resposta). Bakhtin (2003) faz a seguinte distinção entre o silêncio e o mutismo (calar):

A violação do silêncio pelo som mecânico e fisiológico (como condição da percepção); a violação do mutismo [calar] pela palavra de modo pessoal e consciente: esse é o mundo inteiramente outro. No silêncio nada ecoa (ou algo não ecoa), no mutismo ninguém fala (ou alguém não fala). O mutismo [calar] só é possível no mundo humano (e só para o homem). (BAKHTIN, 2003, p. 369).

Dessa forma, segundo a proposta bakhtiniana, é necessário o silêncio para que minhas palavras sejam reconhecidas e identificadas. Mas, para que minhas palavras sejam compreendidas e respondidas, faz-se necessário o calar, que se insere no campo da enunciação e do irrepitível. Para ilustrar a noção de calar em Bakhtin, selecionamos

a capa abaixo, referente ao aniversário de dois anos do golpe militar, publicada em 1º de abril de 1966:



Figura 1: Primeira página sobre o aniversário de 2 anos do golpe de 1964

A manchete “Comemorada a Revolução”, considerando-se a data de aniversário do golpe, remete a sentidos de que houve uma festa, ou algum evento comemorativo, que celebrou os dois anos de ditadura militar. Entretanto, se calarmos e deixarmos de impor nossos sentidos, penetraremos no espaço da ambiguidade e da polissemia e observaremos, então, que o dizer “comemorada a revolução” não se restringe a esse sentido, mas encontra-se num entrecruzamento de vozes. Ao “escutar” o enunciado, observando-o em seu contexto e abri-lo à polissemia, podemos observar que se trata de uma ironia, já que se encontra abaixo de dizeres como “Recife: bombas no SNI e na casa do general Portugal”, “São Paulo e Minas: luto nas escolas e balões tarjados” e “GB: militar reage contra ataque do MDB ao governo”, que se referem a manifestações

de protesto à dita “revolução” em diferentes estados brasileiros. Nota-se, então, que, ao escutarmos o enunciado, é possível apreendermos outros sentidos, dentre eles a ironia, que instaura a polifonia³. (BRAIT, 1996).

Um ano depois, é publicada a seguinte capa no jornal “Última Hora”:



Figura 2: Capa da edição vespertina de *Última Hora* publicada em 1 de abril de 1967

Tendo por enfoque os dizeres sobre o aniversário da ditadura militar, destacamos a manchete: “Costa e Silva no aniversário do 1º de abril – Até sôldo de Marechal não dá mais para viver”. O silêncio, segundo a concepção bakhtiniana, está presente na medida em que é possível identificar as letras e as palavras no jornal, ou seja, não há manchas ou falhas na impressão que impeçam a leitura da manchete em questão. O silêncio, então, está presente justamente na ausência do ruído, viabilizando a decodificação dos signos. Já no que concerne ao calar, momento em que deixamos de impor nossos

³Concebemos o conceito de polifonia como conjunto de vozes equipolentes em um dado discurso.

sentidos e nos abrimos à polissemia dos dizeres, podemos identificar múltiplos sentidos que envolvem a manchete em questão. Tendo por contexto a ditadura militar que oprimia com a censura os órgãos de imprensa, pode-se depreender que a preposição “do” do dizer “Costa e Silva no aniversário do 1º de abril” incita diferentes sentidos, como na indicação de que se oculta o dizer “golpe”, já que “do” precede um substantivo masculino. A palavra “revolução”, neste dizer, já não caberia, pois trata-se de um substantivo feminino que não concordaria com a preposição selecionada para o enunciado. Outro sentido ocultado pela palavra “do” poderia ser “dia”, o que resgataria, pelo contexto e pela memória discursiva, sentidos sobre o primeiro de abril. A própria escolha de expor a data, ao invés de palavras que caracterizem o governo como “revolução” ou “golpe”, já é polissêmica, pois a data tanto se refere ao aniversário do golpe quanto ao dia da mentira. Calar nossos sentidos nos faz perceber, também, a ironia na qual o enunciado encontra-se imerso, pois, dado o contexto de pobreza e miséria em que o povo brasileiro vivia na época, dizer que o salário de Marechal, posto em que se encontra o presidente da república, é insuficiente para viver, indica, no mínimo, sentidos de mentira e desprezo do governo em relação ao povo brasileiro. Na ironia “expressa-se com as palavras um conceito mas se subentende (sem expressá-lo por palavras) um outro, contrário. Em palavras diz-se algo positivo, pretendendo, ao contrário, expressar algo negativo, oposto ao que foi dito” (PROPP, 1992, p. 125). Com isto, ao dizer que “até o soldo de Marechal não dá mais para viver”, é possível depreender seu sentido oposto, indicando não somente que o salário é significativo, mas também o descaso e o desprezo do governo em relação ao povo brasileiro, já que o salário de um homem do povo, como um pedreiro ou cozinheiro, é ínfimo se comparado ao salário de um presidente da república. Se o presidente não consegue viver com seu

salário, que dirá o restante da população brasileira. Nesse jogo de ironia, portanto, o jornal põe em circulação duas vozes, que lutam entre si com a finalidade de ganhar espaço na arena dos sentidos.

Já na capa de 1 de abril de 1968, o dizer sobre o aniversário do golpe desloca-se da manchete principal para a chamada no rodapé da página:



Figura 3: Capa do jornal *Última Hora* de 1 de abril de 1968

O silêncio nesta capa é prejudicado à medida que o carimbo da palavra “cortesia” dificulta a leitura da chamada, marcando a presença do ruído para a decodificação dos signos, já que o silêncio constitui o pressuposto físico que permite a identificação das palavras. Entretanto, tal silêncio não é rompido de todo, pois, com o auxílio de ferramentas da informática, como o recurso de ampliação da figura, e mesmo pelas letras que não foram totalmente cobertas, é possível identificar o dizer “Governo festeja quatro anos de revolução”. Ao considerarmos a polissemia do enunciado, calando a voz de uma interpretação atada a apenas um sentido, podemos perceber que o dizer não

apenas anuncia a comemoração do aniversário do golpe, mas também quem a festeja. Nota-se que quem festeja não é o povo, mas o governo, marcando sentidos de que somente esse último tem motivos para comemorar, já que é o agente que se beneficia do poder. Também remete a sentidos de elitismo e aristocracia, marcando que a comemoração reserva-se a um pequeno e seleto grupo, sendo extirpado o restante da população. Os sentidos que surgem do enunciado tanto pode indicar um governo agente, que exclui a população do poder e, conseqüentemente, da comemoração de sua tomada, assim como aquele que é excluído pelo povo, já que este não possui motivos para comemorar e, portanto, não participa dos festejos com o governo. Observa-se também a marcação temporal “quatro anos”, que põe em circulação sentidos não só de tempo transcorrido, mas também de questionamento de quanto tempo dura uma revolução. Os “quatro anos” também podem remeter tanto a sentidos de vitória do governo, já que conseguiu manter-se todo esse tempo no poder, quanto de pesar para a população, já que há quatro anos encontram-se excluídos das decisões políticas do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho pudemos observar a importância dos estudos bakhtinianos sobre o silêncio e o calar nos recortes analisados. Ao conhecermos a trajetória de trabalho de Bakhtin e seu Círculo, notamos a influência crucial do outro, como sujeito e como possibilidade, na compreensão dos sentidos. Tendo por base a perspectiva do outro, os estudos bakhtinianos apontam o calar como abertura para outras possibilidades de sentidos, alertando-nos para a visão limitada que envolve a imposição de nossos sentidos, restritos ao nosso contexto e a nossa vivência, cegos a outros sentidos

possíveis. Com isso, ao calarmos a impostura de nossas interpretações unívocas de sentido e nos abirmos às possibilidades da polissemia, vários outros sentidos vão (res)surgindo, tornando a leitura rica, porque dialógica.

ABSTRACT: This article discusses Mikhail Bakhtin's ideas about silence and censorship in discourse, having as cut out the discourse about the Brazilian military dictatorship in three covers of the “Última Hora” newspaper published in 1966, 1967 and 1968, on the second, third and fourth birthdays of the military coup, respectively. While the silence and the listening relate to the mechanical act, the silencing is related to active listening, open polysemy and ambiguity. With this, we aim to observe the importance of silence in the understanding of the senses and as a condition for the active response of the subject.

Keywords: discourse, newspaper, military dictatorship

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Unicamp, 1996.
- CLARK, K.; HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar, 2006.
- MIOTELLO, V. Compreendendo alguns conceitos bakhtinianos. **Versão Beta**, ano 1, v. 10, nov. 2002.
- PETRILLI, S.; PONZIO, A. **Philosophy of Language, Art and Answerability in Mikhail Bakhtin**. Toronto: Legas, 2000.

PONZIO, A. **El juego del comunicar. Entre literatura y filosofía.** Valencia: Episteme, 1995.

PONZIO, A. Escritura de la novella y del cinema como crítica de La comunicación global. **Revista Signa**, n. 15, 2006. Disponível em: <<http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01361653177804209314802/030374.pdf?incr=1>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

PONZIO, A. **Procurando uma palavra outra.** São Carlos: Pedro & João, 2010.

PROPP, V. **Comicidade e riso.** São Paulo: Ática, 1992.

REFERÊNCIAS DE IMAGENS

Figura 1: Primeira página sobre o aniversário de 2 anos do golpe de 1964:

ÚLTIMA Hora, p. 01, 01 abr. 1966, edição matutina. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pdf.php?dia=1&mes=4&ano=1966&edicao=1&secao=1>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

Figura 2: Capa da edição vespertina de *Última Hora* publicada em 1 de abril de 1967:

ÚLTIMA Hora, p. 01, 01 abr. 1967, edição vespertina. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pdf.php?dia=1&mes=4&ano=1967&edicao=10&secao=1>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

Figura 3: Capa do jornal *Última Hora* de 1 de abril de 1968:

ÚLTIMA Hora, p. 01, 01 abr. 1968, edição vespertina. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pdf.php?dia=1&mes=4&ano=1968&edicao=1&secao=1>>. Acesso em: 10 jan. 2012.